PRÓLOGO

VÉSPERA DE NATAL, NOVE ANOS ANTES

Chicago

— Tem a certeza?

A vendedora nem sequer tenta esconder o ar carrancudo enquanto segue o dedo que aponto para a prateleira de baixo atrás dela. Ali, aninhado entre os perfumes mais delicados e caros, está um frasco verde e atarracado que parece ter sido deixado ali por engano.

— Está a chamar por mim — digo.

A mulher, Martha de acordo com o crachá, hesita, mas, quando me limito a sorrir, suspira e os brincos de flocos de neve brilham ao inclinar-se para o alcançar.

— Acho que o *Armani* seria uma escolha melhor — argumenta ela, enquanto puxo a manga para cima. Já encharcámos o meu outro braço com cinco perfumes diferentes e começo a ficar sem pele que não cheire a perfume. — Está com vinte por cento de desconto.

— Esse era demasiado bom — refuto, e estendo o pulso.

Ela pulveriza-o obedientemente e inclino-me para cheirar, mas torço o nariz ao aroma falso a maçã. Doce e enjoativo, com um toque químico forte. A minha irmã vai odiar.

O que significa que é perfeito.

— Vou levar.

A Martha tosse quando a fragrância a atinge.

— Se está preocupada com o orçamento, temos várias opções mais baratas.

— Não estou — asseguro-lhe. — Este é o tal. A sério.

Ela abre a boca para protestar no instante em que a canção seguinte começa a tocar nos altifalantes, qualquer coisa sobre trenós e renas e momentos de alegria. Um arrepio visível percorre-a, e eu estremeço por simpatia. Apenas consigo imaginar quantas vezes ela já teve de a ouvir.

— As músicas nunca variam por aqui?

— A resposta é não. — Ela olha para o perfume, depois para a fila de pessoas que se forma atrás de mim. Percebo o momento exato em que me rotula como uma causa perdida. — Quer que embrulhe?

— Por favor.

Ela esconde o frasco num monte de papel de seda, como se isso a ofendesse pessoalmente, e eu risco da cabeça o último item da minha lista de tarefas. Com a prenda da Zoe resolvida, estou oficialmente despachada e vou passar o Natal a casa. Ou, para ser realista, uma semana de dezembro. A minha família nunca gostou muito do Natal, mas todos esperam que eu regresse, por isso, lá vou eu. Pelo menos, significa que posso ser a filha preferida durante uns dias. Mudar-me para os Estados Unidos para fazer a faculdade dá-me um certo ar de novidade sempre que volto, o que em suma significa que não me atribuem tarefas. No ano passado, a Zoe ficou furiosa quando teve de lavar a loiça por três noites seguidas. A minha mãe insistiu que eu estava demasiado cansada da viagem e, sinceramente, que tipo de filha seria eu, para contrariar a minha própria mãe?

— Tem a *certeza*? — pergunta a Martha, que deixa cair o sorriso de serviço ao cliente ao agarrar no saco de plástico.

Entrego-lhe o dinheiro, tentando não me rir da relutância dela.

— Absoluta.

Afasto-me quando o telemóvel começa a tocar e o meu bom humor cai a pique assim que o nome da Hayley aparece no ecrã. Por um momento, considero não atender. Quem me dera ter seguido esse impulso assim que o tive.

— Preciso de um favor.

Viro-me e luto para passar pela movimentação na zona franca do aeroporto O'Hare, com a voz dela a soar-me ao ouvido. A Hayley foi a primeira amiga que fiz em Northwestern. No nosso ano de caloiras, ela vivia três quartos ao lado do meu e agarrei-me a ela como qualquer novata faz quando procura uma cara amigável. E, embora os primeiros meses não tenham levantado nenhum sinal de alerta, quanto mais me lançava na nova vida, mais percebia que havia outras pessoas muito mais simpáticas com quem podia passar o meu tempo. Pessoas com quem tinha mais em comum do que com a rapariga a quem acabei sempre por pagar o café, porque deixava a carteira na outra mala. No entanto, ela deixou-se ficar por perto, agarrada a mim de uma forma que parecia ao mesmo tempo confusa e lisonjeira, apesar de ser evidente que a nossa amizade dava muito trabalho.

A Zoe sempre disse que sou influenciável, mas também não nos ensinam este tipo de coisas na escola. Deram-me inúmeros folhetos coloridos sobre como fazer amigos, logo no primeiro dia. Mas não muito sobre como os largar.

— Estou um bocado ocupada agora — digo. — Estou no aeroporto, lembras-te?

— É um favor muito urgente.

— Duvido. — Tento não soar tão mal-humorada como me sinto. — Mas que se passa?

Ouço o estalar de uma pastilha elástica quando ela responde:

— Podes emprestar-me o vestido azul para uma coisa esta noite? Aquele que tem as alças atrás.

— Esse trouxe na mala.

— E o verde que faz parecer que tens mamas?

— Eu tenho mamas — resmungo. Por vezes, essas meninas só precisam de um pouco de ajuda para parecerem maiores. — Seja como for, o Andrew não se vai importar com o que levas vestido.

— O Andrew?

— O teu namorado — lembro-a, encolhendo-me só de pensar nela no ato com a minha roupa.

Estão juntos há alguns meses, mas mal o vejo sem a língua dela dentro da garganta. Conversámos quando nos conhecemos, ambos satisfeitos

por encontrar outro irlandês tão longe de casa, mas acho que a Hayley não gostou da ideia de sermos amigos e desde então tem feito questão de nos manter afastados. Para ser sincera, começo a pensar que ela não gosta que ninguém na sua vida faça algo que não seja apenas com ela. Mas agora não noto nenhum sinal dessa veia ciumenta, ao ouvi-la cantarolar pela linha.

— Que foi? — pergunto, pois sei que é exatamente o que ela quer que diga.

— Estou a pensar em acabar com ele. — Ela solta as palavras num tom descontraído, como se ele fosse um par de sapatos velho que está a considerar deitar fora.

— Desde quando? Pensava que gostavas dele.

— E gostava. — Uma pausa. — Ele diz muitas piadas.

Reviro os olhos e recomeço a andar, passando por entre os outros viajantes.

— Mas não posso deixá-lo antes da quadra natalícia — continua ela. — Não sou nenhum monstro.

— Não, tens razão. O frio e a escuridão de janeiro vão ser muito melhores. — Coitado. Pareceu-me muito bom rapaz nas poucas vezes que falámos. Ou talvez seja a lealdade para com um compatriota que me faz sentir tão mal. — Onde vais esta noite?

— Jantar com o Rob. — Ela mal consegue esconder a alegria. — Estivemos juntos ontem à noite depois de ele…

— O quê?

— O amigo do Billy.

— Não, eu sei quem é o Rob — ressalvo, e imagino o rapaz musculado da fraternidade que tem andado a babar-se por ela. — Que queres dizer com *estiveram juntos*?

— Voltámos para a residência dele, depois da cena da Kendra e, Molly, nem *imaginas* o que ele consegue fazer com o…

— Então, acabaste as coisas com o Andrew? — interrompo, confusa.

— Já disse que estou a pensar nisso.

… Pois, preciso de amigas novas.

— Traíste-o?

— Não é trair, se vou acabar com ele.

— Sim, é!

— Oh, meu *Deus* — reclama ela. — Isto não é nada de especial.

— Tens de acabar com ele se andas a sair com outra pessoa, Hayley. É cruel.

— Está bem — diz ela. — Está bem. Vou fazer isso agora mesmo.

— Não, *agora* não. Espera até as aulas começarem.

— Mas tu acabaste de dizer…

— Eu sei o que disse. — Puxo a mala para mais perto do corpo quando entro numa das passadeiras automáticas e, ao ver o meu reflexo na parede espelhada em frente, transformo o rosto carrancudo que lá encontro para algo mais amigável para mostrar em público. Talvez ela tivesse razão da primeira vez, quem quer ser abandonado na véspera de Natal? — Que tal não veres o Rob a partir de agora, até resolveres isso?

— Mas vou sair com ele esta noite — relembra ela, como se eu fosse idiota. — Olha, se é assim tão importante para ti, eu envio uma mensagem ao Andrew.

— Hayley, não podes! — grito, assustada com a ideia de ela acabar com o rapaz por mensagem. Nem sequer o conheço assim tão bem, mas há uma coisa chamada decência comum.

Instala-se um silêncio do outro lado da linha e parece-me que ela finalmente percebeu que seria uma atitude de merda, pois ouço-a bufar.

— Está bem, *mãe*.

— Hayley…

— Tenho de ir. — A voz dela muda para um tom de tédio supremo. — Vemo-nos quando voltares.

— Dei-te uma chave para me regares as plantas, não para levares um vestido emprestado e traíres…

— *Adeus!* — despacha-me ela e desliga de imediato.

Saio aos tropeções da passadeira, a olhar indignada para o telemóvel. Preciso de amigas novas. Esta pode ser a minha resolução de Ano Novo. Amigas novas. Amigas novas e que não sejam terríveis.

Após a chamada, sinto-me tão mal-humorada que levo mais cinco minutos a perceber que vim na direção errada e, quando chego à porta de embarque, suada e agitada, o embarque já vai a meio.

É um avião pequeno. Dois lugares de cada lado e dois no meio, todos apertados uns em cima dos outros. Chegar ao lugar é um processo frustrante e lento, com pessoas aos tropeções, a enfiar malas nos cacifos superiores e atrapalhadas com os casacos de inverno pesados.

Acompanho os passos arrastados da pessoa à minha frente, e estou tão concentrada em não bater com a mala no cotovelo de ninguém, que só quando paro na minha fila e relaxo os dedos doridos é que olho para o lugar ao lado do meu. Gosto de pensar que tenho padrões aceitáveis no que diz respeito a viagens. Tudo o que quero, e espero, é alguém que mantenha os sapatos calçados e não me roube a comida quando vou à casa de banho. Apenas um estranho educado e normal que eu possa ignorar durante sete horas, enquanto tento dormir um pouco. Por isso, podem imaginar o meu horror quando, em vez de cumprimentar um desconhecido habituado a voar, dou por mim a olhar nos olhos do futuro ex-namorado da Hayley.

O Andrew Fitzpatrick parece tão surpreendido por me ver como eu a ele. Mas, em vez da sensação horrível de «só podem estar a brincar comigo» que estou a sentir, ele apenas sorri. É o tipo de sorriso pelo qual a Hayley se derreteu após o primeiro encontro. Um sorriso de dentes brancos, com covinhas, que nos aquece todas por dentro. E dirige-o com toda a intensidade diretamente a mim.

Merda.

— Molly?

Merda, merda, merda.

— Olá! — cumprimento-o, um pouco alto demais. Voz de interior, Moll. Ou voz de avião, ou o que seja.

— És tu? — Ele aponta para o lugar a seu lado e eu olho em volta à espera de que apareça outro qualquer por milagre. Claro que não aparece. Este voo já estava esgotado há dias. Ele também o sabe e nem sequer espera que eu responda para se levantar e entrar na coxia. — Que cena — continua. — E ficaste com o lugar à janela.

Também conhecido como o lugar entalado.

Guardo a mala em cima para depois passar por ele. Sete horas. Terei de mentir durante as próximas sete horas. Sete horas e trinta minutos,

depois de levantarmos voo e aterrarmos. Talvez consiga fingir que estou a dormir. Talvez consiga…

— Como está a correr a faculdade? — O Andrew senta-se ao meu lado enquanto enfio o saco da loja de perfumes debaixo da cadeira da frente. Põe de imediato o cinto de segurança, apesar de ainda haver pessoas a entrar no avião. — Estás a estudar Gestão, certo?

Conversa de circunstância. Por norma não me importo com conversa de circunstância. Mas neste tipo de situações, é uma conversa que tende a levar a conversas sérias.

— Economia.

Ele solta um assobio baixinho.

— Isso soa ainda melhor. Vais ser economista?

— Advogada. Acho.

— Achas?

— Tenho notas para isso.

Ele olha-me como se eu tivesse dito alguma coisa engraçada.

— Mas queres ser advogada? — pergunta, quando não acrescento mais nada.

— Ainda não decidi. — As palavras saem mais defensivas do que eu pretendia e um momento de silêncio é suficiente para me fazer sentir indelicada. — E tu? — pergunto. — Como está a tua… coisa?

Ele contorce os lábios perante a minha hesitação.

— Fotografia. Está a correr bem. A Hayley já te deve ter dito, mas vou candidatar-me a estágios no próximo verão, para ver se consigo ficar em Chicago. Talvez não seja a decisão mais inteligente, visto que nenhum é remunerado. Tipo, *nem* um. Mas vou ficar com o meu tio até ele se fartar de mim. Consigo alojamento grátis durante uns meses, se fizer os turnos da noite na loja dele. — O Andrew inclina-se para mim, quando uma hospedeira fecha o cacifo por cima de nós. — Cheira-te a algodão-doce?

Perfeito.

— Sou eu. Desculpa. — Cheiro o braço direito para ter a certeza. — Estive a escolher um perfume — explico, e o rosto dele ilumina-se.

— A sério? Talvez possas ajudar. Queria fazer uma surpresa à Hayley. Ela não quis trocar presentes de Natal, mas tecnicamente só a vejo em janeiro, por isso… Que foi?

— Nada. — Sorrio, e tiro a revista de bordo do bolso do assento. Porque é que ela me falou do Rob? Porquê? Porquê, porquê, porquê, porquê…

— Estava a pensar neste.

Vejo-o a abrir um exemplar da revista e folhear até à página dos presentes, onde aponta para um pequeno frasco *Chanel*.

— Diz que é um clássico — salienta ele, ao olhar para o pequeno texto ao lado da fotografia. — Oitenta e nove dólares. Que achas?

Acho que vou matar a Hayley.

Oitenta e nove dólares. Alguém que faz turnos noturnos para o tio e viaja em económica num voo *low-cost* irlandês não tem oitenta e nove dólares para gastar com uma rapariga que o vai deixar dentro de uma semana.

— Não podes comprar-lhe algo num avião — argumento, ao vê-lo tirar a carteira. — Devias comprá-lo num sítio especial.

— Eu não lhe digo se tu não disseres.

— E isso parece-me muito dinheiro.

Ele aperta o botão de chamada.

— Andei a poupar para isso.

— Mas…

— Desculpe? Sr. Fitzpatrick? — Viramo-nos os dois para a voz de outra hospedeira de bordo que se aproxima vinda de trás, com um olhar brincalhão. — O seu irmão ligou antes do embarque — explica ela, e o rosto do Andrew é atravessado por uma expressão de confusão absoluta. — Falou-se em cantarmos-lhe os Parabéns em coro — continua ela, e entrega-lhe um envelope quadrado pequeno. — Mas será que poderia contentar-se com uma bebida por nossa conta?

— Com todo o gosto — aceita ele, parecendo aliviado ao deslizar os olhos para os meus. — Podem ser duas?

— Claro — diz ela. — O que devo trazer-lhes?

— Oh… — Olho o Andrew de relance, que fez um compasso de espera. — Vinho branco?

— Eu quero o mesmo — concorda o Andrew, mostrando-lhe a revista. — E poderei pedir…

— Começaremos as vendas a bordo assim que estivermos no ar — interrompe ela, com um sorriso luminoso. — Cinto de segurança — acrescenta para mim.

Aperto o cinto como pedido, à espera que ela desapareça atrás da cortina. Como se este dia não pudesse piorar.

— É o teu aniversário?

Para minha surpresa, ele desata a rir.

— Não. Mas o meu irmão acha que tem imensa graça. O Christian está só a tentar envergonhar-me. — O sorriso dele vacila quando olha para mim. — Ei, estás bem? Ficaste branca como um fantasma.

— É a iluminação — minto. Muito bem. Pelo menos ela não vai traí-lo no seu aniversário.

Oh, meu *Deus*, eu não devia estar a passar por isto!

— Eu sabia que ele iria tentar uma coisa destas — continua o Andrew, enquanto tento acalmar-me. — Tens irmãos?

— Só uma irmã.

— Mais velha ou mais nova?

— Mais velha. Cerca de três minutos.

Ele franze as sobrancelhas, antes de perceber.

— É gémea?

— Idêntica.

— A sério?

Aceno com a cabeça, lutando com um arrepio perante o entusiasmo dele.

— Uau, isso é…

E aqui vamos nós.

— Completamente normal e pouco impressionante — continua ele, com um sorriso nos lábios quando percebe que o olho de repente. — Deves estar farta de que as pessoas fiquem malucas quando lhes contas.

— Só um bocadinho — admito.

— Lamento.

— Não, eu percebo. É quando começam a perguntar se sentimos a dor uma da outra que perco a vontade de viver.

Ele ri-se e eu relaxo um pouco.

— Somos quatro — diz ele. — O Liam é o mais velho. A seguir eu, depois o Christian. E agora a Hannah, que tem seis anos.

— Seis?

— Foi uma surpresa agradável. — Ele desliza o dedo por baixo da borda do envelope e sorri quando abre o cartão para revelar nada mais do que um dedo do meio esticado desenhado de forma grosseira. — Que classe. Dás-te bem com a tua irmã?

— Sim. Na maior parte das vezes.

— Aposto que é difícil estar tão longe dela.

— Nunca pensei nisso — respondo honestamente. — Quer dizer, estamos sempre a enviar mensagens, por isso…

— Mesmo assim. Vai ser bom estarem juntas no Natal.

— Certo.

— Certo? — Ele volta a sorrir. Este, um sorriso largo.

— Não somos propriamente pessoas de Natal — explico.

Ele lança-me um olhar cético.

— Vais literalmente voar para casa na véspera de Natal.

— Coincidência. Trabalho em *part-time* numa sapataria, e ia trabalhar durante as férias, mas a minha patroa não precisou de mim e a Zoe pediu-me que lhe levasse umas coisas, por isso… — interrompo-me quando vejo o ar espantado dele. — Aqui estou eu.

— Estás a partir-me o coração, Molly.

— Não sou nenhuma *Scrooge*! — justifico-me. — Só não sou muito daquilo do…

— Amor? — oferece ele. — Conforto e alegria?

— Brinquedos. Dinheiro. As mesmas doze canções tocadas vezes sem conta.

— Ah, o argumento da comercialização…

Franzo o sobrolho à rapidez com que ele dispensa o argumento.

— A não ser que o façamos pelas crianças, o Natal não passa de várias semanas de stresse dispendioso que acabará inevitavelmente em desilusão. Como é que alguma coisa pode corresponder a esse tipo de expetativa?

— Uau. Então, és uma espécie de Grinch?

— Eu não sou…

— Um Grinch da vida real.

— Sou prática.

— Percebo isso — garante ele, agora divertido. — Mas também me parece que vives mal o Natal.

— Não é a mesma coisa para ti. Tu próprio acabaste de dizer que há uma criança na tua família. É diferente.

— Criança ou não, nunca se é demasiado velho para ficar fechado em casa durante uns dias e comer até vomitar. Já para não falar da moda. — Ele aponta para a própria camisola e é a primeira vez que reparo na alegre rena bordada na frente.

— As renas não acenam — digo-lhe.

— O *Rodolfo* acena. O *Rodolfo* adora acenar.

Solto um sopro.

— Agora percebo.

— Percebes?

— Hum-hum. És de uma *dessas* famílias…

Ele ainda parece divertir-se mais com a minha suspeita.

— Dessas famílias?

— As que aparecem nos anúncios. De pijamas a condizer. Lareira crepitante.

— Sem nenhuma vergonha. Suponho que não sejas.

— Como disse, não sou grande fã do Natal. — Franzo o sobrolho à insistência dele de não desviar os olhos, agora com um novo brilho que me deixa de imediato nervosa. — Que foi?

— Nada. Estou só a pensar no que posso fazer para te tornar fã da época mais maravilhosa do ano.

— Que tal não dizeres coisas dessas, para começar?

Ele sorri.

— Vou fazer-te mudar de ideias sobre isto.

— És bastante confiante, não és?

— Claro que sou. Tão confiante que aposto que até ao fim deste voo consigo mudar essa tua mente de Grinch.

— Uma aposta a sério? — Aperto os lábios, a lutar contra um sorriso. — De quanto estamos a falar?

— Um milhão…

— *Um* dólar — corrijo eu, levantando um dedo. — E ficas a saber que sou extremamente competitiva.

— E ficas a saber que posso parecer inocente, mas não tenho problemas em jogar sujo.

— Inocente, hum?

Ele gesticula vagamente para a cara.

— Tenho este ar de menino, conheço os meus pontos fortes.

Rio-me do comentário e ele brande o falso cartão de aniversário entre nós.

— Agora — começa. — Queres ver quantas coisas grátis podemos conseguir com isto?

O telemóvel dele vibra no colo antes de eu poder responder, fazendo-me saltar. Durante os últimos minutos, acabámos por nos fixar um no outro, de tal forma que sinto o estômago cair como se acabássemos de passar por uma zona de turbulência quando vejo quem está a ligar. Tinha-me esquecido da Hayley com o decorrer da conversa, mas agora ela volta a gritar-me na mente à medida que o Andrew leva o telefone ao ouvido, sem reparar no meu pânico.

— É a Hayley — informa ele, e a minha pulsação começa a acelerar. — Tem andado a estudar tanto; nem sequer a vi antes de sair. — Ele vira-se para a frente com um sorriso aberto. — Olá, querida! Não vais adivinhar quem…

Arranco-lhe o telemóvel da mão antes de conseguir pensar e carrego no botão para terminar a chamada.

Silêncio. Um silêncio estranho e constrangedor durante o longo segundo que o Andrew para a olhar para mim. E depois:

— Mas que raio…

— Não devias atender o telefone quando estamos a voar.

— Ainda nem começámos a andar — argumenta ele, lentamente. — As portas ainda estão abertas.

— Pode afetar o sistema na mesma.

Ele abre a boca, mas fecha-a, e todos os vestígios de brincadeira desapareceram.

— Posso ter o meu telemóvel de volta? — acaba ele por perguntar.

Penso em dizer que não. Em salvá-lo do que sei estar prestes a acontecer, mesmo à custa de agir como uma maluca. Ele é um rapaz simpático. Simpático e festivo e, se isto tem de acontecer, não quero que seja quando ele acabou de passar dez minutos a falar sobre o Natal. Mas aquele olhar impassível diz-me que ele está prestes a chamar a segurança e eu gostaria muito, *muito* de não ser presa.

— Certo. Desculpa. — Devolvo-lho. — Sou uma passageira nervosa.

— … *Okay*? — Ele afasta-se de mim tanto quanto possível no pequeno espaço, mas eu não desisto.

— Então e a aposta, hã? Ias convencer-me a…

— Olha — começa ele, mas o telefone volta a tocar e olhamos ambos para baixo para a mensagem que surge no ecrã. Acho que estou prestes a vomitar.

Não por mensagem.

Não na véspera de Natal.

Ela não faria isso.

Ao meu lado, o Andrew fica muito, muito quieto.

Ela fez mesmo.

— Vinho branco? — A assistente de bordo reaparece ao lado dele, com dois copos de plástico nas mãos. — Não devíamos abrir o bar antes da descolagem, mas…

— Sim! — exclamo, meio de pé, e assusto a pobre mulher. — Sim, por favor.

Seguro nas bebidas, mas o Andrew não se mexe, tal como a nossa nova amiga, que parece demasiado satisfeita consigo própria.

— Eu sei que dissemos que íamos deixá-lo escapar — diz ela, enquanto ele não desvia o olhar da mensagem. — Mas, visto ser o nosso último voo antes do Natal, não podíamos ignorar a oportunidade de embaraçar os nossos passageiros.

Olho para trás e vejo dois outros assistentes a dirigirem-se para nós. Oh, não.

— Não me parece…

— *Parabéns a você*…

Oh, *não.*

Um rubor cor-de-rosa carregado espalha-se pelo pescoço do Andrew à medida que a tripulação de cabina e, depois, a maioria dos passageiros, entoam a canção.

— *Para o menino Andrew…*

Enquanto todos dão o seu melhor no salto de oitava, o Andrew levanta a cabeça devagar para olhar para mim.

— Parabéns — digo, com um sorriso débil e bebo o copo de vinho de uma só vez.

CAPÍTULO UM

21 DE DEZEMBRO, PRESENTE

Chicago

Fiz um teste no outro dia. Um daqueles do tipo «o que deves fazer da tua vida, seu idiota indeciso». Cada pergunta era insignificante (escolhe uma cor, escolhe um molho para salada) e intercalada com memes de celebridades que já não reconheço. No final, disse que me tornasse educadora de infância. Não gostei, por isso repeti o teste. Disse-me para entrar na faculdade de Medicina. Como se fosse algo que pudesse fazer do dia para a noite.

Decidi despedir-me do emprego, estão a ver. Não, decidi desistir da minha *carreira*. Três anos de faculdade de Direito, quatro anos a exercer Direito e cinco semanas depois, devia ter ido para casa, mas sentei-me à secretária por várias horas, fechei um documento, abri outro e percebi que não só era totalmente infeliz, como já o era há algum tempo.

Senti-me como o chuveiro do meu primeiro apartamento, quente e normal num segundo, e gelado no outro. Não me interpretem mal, foi um alívio finalmente reconhecê-lo, mas a ignorância é uma bênção, e até chegar o estado de epifania seguinte, até ter consciência de súbito da paixão pela salsa ou do sonho escondido de me tornar contabilista, tudo o que me restou foi uma sensação doentia e retorcida no estômago, enquanto duas pequenas palavras me ecoavam na mente, uma, outra e outra vez.

E agora?

Continuo sem resposta.

Quando a maioria das pessoas decide mudar de vida, normalmente sabe para *o* que quer mudar. Adquirem um chalé em ruínas no sul de França, fazem uma formação nova de assistente social, vendem os bens todos e tornam-se freiras.

Tendem a não falar de coisas como a renda, os empréstimos estudantis e o seguro de saúde. Nunca há um vídeo de quatro partes no YouTube sobre todas as coisas que, de alguma forma, ainda terei de pagar. Nunca há um blogue de três mil palavras sobre como começar de novo de uma forma realista, sem abandonar por completo a minha vida antiga.

— Molly.

Talvez comece a jogar na lotaria.

— *Molly*.

Ou podia arranjar um gato.

— Ei!

Levanto a cabeça com o som de batidas rápidas na parede e vejo a minha amiga Gabriela na ombreira da porta.

— Não precisavas de sair há dez minutos? — pergunta ela. — Pensava que já tinhas acabado.

— E acabei.

Ainda não acabei. Nunca acabo.

— Está tudo bem. — Volto a olhar para o portátil e para o contrato no ecrã, pestanejando à medida que as palavras me ondulam à frente. — Posso chegar até quarenta minutos atrasada.

— Claro que podes. — Ela entra na sala, de braços cruzados no peito. Pelo aspeto, ninguém diria que começou a trabalhar às sete da manhã de hoje. O vestido azul-marinho mantém-se imaculado, a maquilhagem fresca e os caracóis escuros presos num rabo de cavalo, que mostram o rosto com formato de coração. Um dos caracóis solta-se quando ela se aproxima, de olhos postos nas pilhas de papel à minha frente. — É o contrato Freeman?

— Quando é que não é o contrato Freeman? — murmuro. — Será que agora só temos um cliente? — Porque é o que parece. Não tenho

trabalhado noutra coisa nas últimas semanas. Ou talvez anos. Por esta altura, já nem me consigo lembrar. Sempre para trás e para a frente na venda de uma empresa que já devia ter sido acordada há meses. — É como se eu estivesse a ser paga para desperdiçar o tempo de toda a gente.

— Desde que te paguem — sussurra ela, arrastando uma das pastas para si.

A Gabriela também fez três anos de faculdade de Direito. Três de faculdade e cinco anos a exercer. Foi quem me mostrou os cantos à casa no dia em que entrei na Harman & Nord, no escritório chique de um arranha-céus em LaSalle Street. O mesmo em que nos encontramos. A Gabriela não se quer demitir do emprego. A Gabriela, tal como os restantes do nosso pequeno círculo de amigos, adora o trabalho e não se importa com a pressão, as horas tardias ou com a crueldade que, cada vez mais, percebo não possuir.

— Está tudo bem — repito, quando ela começa a ler. — Para ser sincera, eu… — Demoro-me, o que a faz desviar o olhar para mim. — … estou a ler a mesma página há uma hora — admito.

— Precisas de férias.

— Eu vou de férias.

— Não, tu vais a casa — corrige ela, com firmeza. — Casa não é férias. Especialmente durante o Natal. E não quando se odeia o Natal.

— Eu não odeio Natal — resmungo, recuperando a minha pasta. — Só não ando por aí com chifres de rena na cabeça. Há um meio-termo.

— Devias ficar cá no próximo ano.

— Não posso — digo, e esfrego os olhos cansados durante exatamente dois segundos, até me lembrar de que tenho rímel. — Tenho de voltar.

— Tu estás sempre a voltar. Faz os teus pais virem cá. Fazes-lhes uma visita guiada, mostras-lhes como és impressionante. — Ela inclina a cabeça, com um sorriso bonito para mim. — Depois vamos jantar e tu podes dizer-lhes como sou uma mentora maravilhosa.

— É isso que és?

— Os pais adoram-me. Sou muito educada.

— És uma lambe-botas, há uma diferença. — Fecho o portátil e começo a empilhar as pilhas numa pilha gigante, mas a Gabriela mantém-se imóvel, a olhar-me com uma expressão pensativa. — Que foi? — pergunto.

— Nada. — Ela passa um dedo pela madeira escura da secretária antes de baixar o olhar para a minha barriga. — Estás grávida?

— *O quê?*

— Podes dizer-me se estiveres.

— Não!

— Não, não estás grávida ou não, não me vais dizer se estás?

— As duas coisas — devolvo.

— Está bem.

— Nem sequer ando a sair com ninguém.

— *Está bem*. — A voz dela baixa para um sussurro. — Mas é esse o problema? Precisas de sexo? Podemos arranjar-te algum sexo.

— Oh, meu Deus. — Atiro-lhe a mochila do portátil e reúno os restantes papéis. — Para de falar. Já não somos amigas.

— É que tens andado tão distraída ultimamente — justifica ela, e apressa-se a acompanhar-me ao ver-me sair da sala. — E quero que saibas que, caso se esteja a passar alguma coisa, podes falar comigo. Sou uma ótima ouvinte. Muitas pessoas confidenciam comigo.

— Quem é que confidencia contigo?

— O Michael.

— O Michael é teu marido, tem de confidenciar contigo.

— Sim, mas também sou ótima nisso. E como duas mulheres no clube dos homens, temos de nos manter unidas.

— Duas mulheres no… Andas a ouvir aqueles *podcasts* outra vez, não andas?

— Mulheres que apoiam mulheres — insiste ela. — O que significa que temos de falar umas com as outras.

— Mas não sobre o meu útero, Gab.

Avançamos em direção à outra ponta do piso, pelo corredor longo ladeado por salas de reuniões com paredes de vidro de ambos os lados. Para um escritório de advogados, é irónico termos tão pouca privacidade. Sempre odiei isso. Especialmente nos momentos de maior

ansiedade, em que me sinto como se estivesse num aquário. Como se houvesse olhos em cima de mim a toda a hora, à espera de que cometa um deslize. Mesmo agora, o piso está movimentado, a maioria das pessoas já saiu para jantar e regressou ao trabalho pela noite dentro.

— Já dormiste com alguém desde o Brandon? — pergunta a Gabriela, ainda agarrada à mochila do portátil quando chegamos à minha secretária.

— Que importância tem isso? — resmungo, e não deixo de estremecer com a menção do meu *ex*. — Quando foi a última vez que fizeste sexo?

— Esta manhã.

— Isso é… eu não precisava de saber isso.

— Então, porque perguntaste?

— Porque tu… — Solto um suspiro profundo e seleciono as pastas de que preciso antes de vestir o casaco. — Não se trata disso.

— Mas admites que se trata de alguma coisa.

— Sim — confirmo, colocando os documentos dentro da mochila. — Mas não é nada de grave e eu estou bem. Ou tão bem quanto posso estar, depois da semana que tive. — E das semanas que estou prestes a ter. Tiro a mala pequena que tinha enfiado debaixo da secretária, ainda com a cabeça cheia de todo o trabalho que me espera. Sei que posso falar com a Gabriela sobre este tipo de coisas, mas também sei que ela não iria entender. Os pais dela são advogados. O irmão é advogado e o avô era advogado. Todos os amigos dela são advogados. Nunca lhe terá ocorrido fazer outra coisa. Nem sequer que *há* outra coisa e sei que tentaria dissuadir-me do que estou a sentir, seja lá o que for, e, para ser sincera, ela é melhor do que eu no que faz. Acabaria por ganhar.

— Só quero que saibas que estou aqui — continua. — E que estou pronta para ouvir, se quiseres alguém que o faça.

Um sentimento divertido sobrepõe-se ao incómodo da conversa, perante a seriedade no tom dela.

— Eu sei — digo, e tiro-lhe a mochila das mãos para a meter ao ombro. — E agradeço. Tu sabes que sim. Mas eu estou bem.

— Só quero ajudar.

— Podes ajudar a encontrar o meu casaco.

— Tens o casaco vestido.

Pois tenho.

— Está bem, talvez esteja um *pouco* distraída. — Verifico as horas enquanto prendo o cabelo loiro num rabo de cavalo. Tenho trinta minutos de tolerância de atraso. — Não te mexas. Tiro uma caixa de cartão branca da gaveta de baixo e sorrio com a exclamação de excitação da Gabriela.

— Pensava que não íamos trocar presentes este ano! Disseste que ias comigo à aula de samba para principiantes e que não ias gozar.

— Vou fazer isso na mesma — prometo-lhe. Eu e a Gabriela costumamos trocar coisas pequenas nesta quadra; favores ou prendas com orçamentos estritos. Há duas semanas, ela ajudou-me a subir três lanços de escada com um colchão novo. Algo que, para duas raparigas não muito altas, é bem mais difícil do que parece. — Isto é para ti e para o Michael — explico. — Bolinhos de café daquela padaria em Little Italy. — Abro a caixa para apresentar os quadrados de perdição cortados na perfeição. — Lembras-te quando os levei para a tua festa de anos e comeste seis?

— Não, porque tenho quase a certeza de que os acompanhei com uma garrafa de champanhe. — Ela pega no que está mais perto e geme com a primeira dentada.

— Quando chegares a casa, passa-os para um recipiente — instruo, enquanto ela me tira a caixa. — E mantém-nos à temperatura ambiente. Ficam melhores com um pouco de natas. E talvez um pouco de açúcar de confeiteiro. Ou um bocadinho de…

— Adoro que penses que estes bebés vão chegar a casa — interrompe ela, lambendo as migalhas dos lábios. — Devias ter ido para *chef*.

— Eu não cozinho. Eu como.

— Nada do trabalho e toda a recompensa. Respeito isso. — Ela enfia metade do *brownie* na boca e levanta um dedo. — *Ssfera ahi* — ordena-me, de boca cheia, o que interpreto como «Espera aqui», e, curiosa, observo-a a abrir uma gaveta da secretária em frente à minha, que lhe pertence, para tirar da mesma um urso de peluche dos *Chicago Cubs*.

— É para o bebé — explica. — Para que a tua irmã possa criar o filho como deve ser.

— Gab! Não era preciso.

— Eu sei, mas sou uma pessoa simpática. — Meto o presente na mala, aconchegando-o ao lado de toda a comida e das poucas peças de roupa que levo para a viagem, e vejo-a a espreitar. — Como é que só levas isso?

— São só uns dias.

— Sim, mas é Natal — protesta ela. — E as prendas?

— Dou dinheiro à maioria das pessoas. É o que esperam que faça, e é o que querem.

— Isso não me parece muito natalício.

— No entanto, continuo a ser o membro da família preferido de todos. — Endireito-me e revejo mentalmente as coisas mais importantes. Roupa, carteira, bilhetes. Chaves, passaporte, telemóvel.

— Está tudo? — pergunta a Gabriela, quando finalmente olho para ela.

Aceno com a cabeça.

— E se não estiver, é demasiado tarde. Vou estar no telemóvel se precisares de mim. E *online* a partir de amanhã. E…

— *Adeus*, Molly — despacha-me ela, empurrando-me porta fora.

— Adeus — despeço-me de seguida. — Feliz Natal, acho eu.

— É tão bom ouvir-te dizer isso num tom tão infeliz. Entro logo num espírito festivo.

Ela espera pelo elevador comigo, depois fica a acenar-me alegremente enquanto come a outra metade do *brownie*. Demoro uma eternidade a descer, parando nos pisos todos até chegar ao átrio. Lá fora, os arranha-céus circundantes erguem-se a perder de vista e as ruas estão apinhadas de pessoas que se dirigem a restaurantes, bares e discotecas. Pelo menos, a esta hora do dia é fácil apanhar um táxi, e depressa me encontro a acelerar para oeste e a atravessar a cidade, em direção à autoestrada.

A neve cai espessa, vivo cá há anos e ainda não me habituei à forma como se acumula. Cheguei ainda adolescente, mas achava-me incrivelmente adulta, apesar de me sentir muito assustada. Passei o voo todo a pensar se estaria a cometer um erro enorme e caro, dúvidas que se dissiparam por completo assim que saí do avião. Soube logo que Chicago

era a minha cidade. E tive a sorte de o ser. Por vezes, é difícil prever o que nos chama e o que não nos chama. Mas, da mesma forma que quem procura casa pode entrar pela porta da frente e saber de imediato se aquelas quatro paredes são ou não para si, eu soube, assim que me instalei, já lá vão tantos anos, que era aqui que pertencia.

É um instinto. Um pressentimento.

Ou talvez tenha sido o destino.

Os meus pais presumiam que, depois da faculdade, eu voltaria para Dublin, mas isso nunca me passou pela cabeça; sempre que as perguntas surgiam, as desculpas voavam-me da língua. Os verões eram passados com amigos e namorados. À faculdade seguiu-se o curso de Direito. Ao curso de Direito, o trabalho. E a par de tudo isso, houve a vida que aqui construí de raiz. Um apartamento a que chamo meu, amigos que adoro e uma cidade que agora conheço como a palma da mão. Adoro os parques, os festivais e as praias. Adoro a arquitetura, as pessoas e a facilidade de deslocação. Adoro ter das melhores comidas do mundo mesmo à porta de casa. E adoro o facto de tudo isso me pertencer.

Mesmo hoje, acho que a minha família ainda espera que regresse à Irlanda. Mas como poderia? Agora esta é a minha casa. E não consigo imaginar-me noutro lugar.

Então, estive a pensar...

A mensagem da minha irmã chega quando nos aproximamos do aeroporto, seguida de uma série de *emojis* com que ela gosta de pontuar cada mensagem.

Oh, não.

Em vez de vires cá passar o Natal, porque não fugimos as duas e apanhamos o primeiro voo para uma ilha grega qualquer?

Não creio que te deixem entrar num avião tão adiantada na gravidez.

Visto um casaco muito grande. Nem vão perceber.

A Zoe está grávida de oito meses e o parto foi previsto para o início de janeiro. Acho que os meus pais estão ainda mais entusiasmados do que ela, de tal forma que a obrigaram recentemente a mudar-se lá para casa, para poderem descarregar todo o carinho.

Há pouco vieram aqui à porta cantar canções de Natal, continua ela agora. O pai tentou ser engraçado e pediu a *Hotel California*. A mãe deu-lhes pacotes de M&Ms que tinha por casa, como se fosse Halloween.

E as pessoas perguntam como acabei assim. Já estou a imaginar os próximos dias. As grandes reuniões de família (sim, dá trabalho, não, ainda não sou casada) e os jantares a quatro mais pequenos em casa, em que cada um de nós leva a cabo a sua estranha versão do Natal. A minha mãe deita-se cedo, a Zoe sai para ir ter com um amigo e o meu pai encurrala-me na sala com as mesmas perguntas rudes, mas bem-intencionadas, sobre as minhas ideias para planos de reforma e o isolamento do prédio onde vivo, bem como se segui ou não o conselho que me deu de investir numa boa caixa de ferramentas, tudo porque já não sabe bem como falar comigo, mas ainda quer tentar. Todos os anos, é como se nós os quatro representássemos algo que vimos na televisão, e cada vez mais me pergunto porque nos damos ao trabalho de fingir.

O telemóvel toca e surge uma fotografia da minha cama de infância, muito pequena e muito solteira, forrada de cobertores brancos que, tenho a certeza, já pertenciam aos meus pais ainda antes de eu nascer.

#Glamour, escreve a Zoe por baixo, e suspiro ao desculpar-me mentalmente perante os pobres músculos das minhas costas. Terei de marcar uma massagem assim que voltar.

O trânsito abranda à medida que nos aproximamos do aeroporto, mas dada a altura do ano, suponho que devo sentir-me grata por conseguir sequer chegar, altura em que dou uma gorjeta ao motorista ao sair e faço o *check-in* da mala, mantendo a mochila do portátil comigo. Quando passo pela segurança, já não me resta tempo de tolerância para atrasos e apresso-me a chegar às lojas do aeroporto, como uma mulher numa missão.

— Desculpe — solicito ao funcionário mais próximo com uma fita ao pescoço. — Qual é o perfume menos vendido que têm?

Cinco minutos depois, saio de lá a cheirar a uma mistura horrível de perfumes de marcas de estrelas *pop*, e com um frasco cor-de-rosa cintilante a baloiçar no saco que levo pendurado no pulso.

Por fim, chego à minha porta de embarque, passando por famílias cansadas e descontentes e adultos sozinhos a olhar o vazio, até que vejo um homem de cabelo escuro sentado curvado sobre uma revista da *National Geographic*. Não consigo ver-lhe o rosto, mas imagino as sobrancelhas franzidas enquanto lê e a forma como mexe a boca a cada palavra, apesar de jurar que não o faz.

Deixo-me ficar a observá-lo, por um instante, depois avanço um passo, de seguida outro, e outro, e a cada um sinto o mundo lá fora a desaparecer aos poucos. Não há mais preocupações, planos, trabalho, não há nada. Terei de lidar com tudo isso quando voltar. Aliás, provavelmente, quando aterrar. Mas não agora. Este é o único momento do ano em que ponho o trabalho em segundo lugar.

Estou a sorrir ao chegar perto dele e não hesito em esticar o braço para lhe arrancar a revista das mãos.

— Desculpe, senhor — digo, e ele vira-se para trás, assustado. — Acho que está no meu lugar.

O olhar de choque do Andrew Fitzpatrick desaparece assim que me vê. Sorri-me com aqueles olhos cor de avelã, como se eu fosse a melhor coisa que lhe aconteceu nesse dia. Sei que ele é o melhor que me aconteceu a mim.

— Olá, estranha — cumprimenta-me e recosta-se na cadeira. — Que bom vê-la por aqui.